

Em busca do tempo perdido: as tecnologias negligenciadas¹

Por

S.Squirra

Resumo

As tecnologias fazem parte da história do homem e estão fortemente presentes na sua trajetória. Nos tempos atuais, as tecnologias digitais próprias para a comunicação humana se destacam e tomaram vulto ainda não constatado. Apesar da constante e sempre perceptível demanda de mercado por melhor capacitação da força de trabalho e de domínio industrial dos processos, pouco foco tem sido dedicado aos estudos, funções e aplicações das tecnologias nas habilitações do segmento da comunicação. Outrossim, e na maior parte do tempo, percebe-se que estas pautam suas pesquisas e reflexões com enfoques centrados fortemente nas ciências sociais e áreas congêneres. Este modelo se espalhou pelos cursos de comunicação nas últimas décadas, provocando distanciamento a ser corrigido no presente dadas as fortes evidências da importância da tecnologia nos cenários de atuação dos profissionais da área.

Palavras-chave: Tecnologias da comunicação, Comunicação e tecnologias digitais, Perfis tecnológicos da comunicação.

Há um bom tempo, as tecnologias presentes nos processos de comunicação vêm intrigando pesquisadores da área das ciências sociais. Contribuições surgiram de vários segmentos, mas pode-se perceber que o assunto ainda não se encontra totalmente esgotado e, muitas vezes, compreendido na sua real abrangência. Com esta premissa, e por ter ainda dedicado pouca energia no estudo - intrínseco e desapaixonado - da seara instrumental que surgiu com a Revolução Industrial, as Ciências Sociais vêm acomodando reflexões novas que buscam o entendimento das reais dimensões e significados dos métodos e aparatos tecnológicos que passaram a ser disponibilizados à sociedade. Isto também vem acontecendo no segmento afeito aos profissionais da área da comunicação. Este é o intento do presente trabalho, que tem como objetivo o de focar as tecnologias no universo da comunicação, uma vez que se constata que, na moderna sociedade, não existe forma dinâmica e competitiva de transmissão de conhecimento sem os múltiplos aparatos técnicos. Neste sentido, esta proposta se justifica tendo em vista o diagnóstico da avassaladora presença das tecnologias - sobretudo as de comunicação - na plenitude da vida humana contemporânea.

Dessa forma, desponta a necessidade da delimitação de um corpus teórico que estimule estudos e análises visando a preparação para o domínio - pelos comunicadores - dos conceitos

¹ Texto publicado no livro **Mercado e comunicação na sociedade Digital**, organizado por José Marques de Melo e Osvando J. de Morais. São Paulo: Intercom/Unisantia, p. 165-178, 2007, ISBN 978-85-88537-28-6

que regem e caracterizam as tecnologias próprias para as conexões digitais, balizando suas implicações e repercussões no cenário ampliado da produção de bens culturais. Esta proposta alicerça-se na esperança de estimular ações científicas multidirecionais - e interdisciplinares - que se considera enriquecedoras e saudáveis para a área. Com este ponto de partida, estrutura a lógica narrativa do caminho a ser percorrido lançando, de imediato, algumas questões. Por exemplo: será que os pesquisadores do segmento acadêmico da comunicação - e, sobretudo os estudantes - têm devotado tempo e aprofundamento suficientes para a contextualização das múltiplas tecnologias que o mundo industrial vem disponibilizando nas inúmeras possibilidades de comunicação como as que se vê na atualidade? Ou: será que as escolas de comunicação vêm preparando os alunos para o domínio consciente e eficiente do “cardápio” tecnológico disponibilizado, que se configura como aquele que estes usarão nas suas atividades, quer estas sejam profissionais ou as típicas da reflexão conceitual?

Ainda: estão os pesquisadores da área analisando e refletindo com densidade e disposição adequadas sobre as implicações e alterações das performances de comunicação possibilitadas entre os seres humanos no cenário da produção industrial moderna? E, está o segmento das comunicações promovendo pesquisas conjuntas com os setores da produção - sobretudo, no domínio tecnológico -, em iniciativas que possam aumentar o conhecimento nacional sobre estas plataformas? Ou somente estamos recebendo o que vem de fora, sem as correções locais para os perfis tecnológicos originados além-fronteiras?

É possível afirmar que se a área estivesse promovendo tais ações de forma consistente, estaria contribuindo mais com os índices de Pesquisa e Desenvolvimento da nação. Mas, é mais seguro afirmar que isto deve estar acontecendo na área da engenharia, da matemática, da física etc., com reduzida intensidade no setor das comunicações. Isto, pois o segmento vem agindo como produtor de análises com majoritário recorte humanista (reflexões centradas na história das alterações do comportamento coletivo) e com foco nas repercussões íntimas no ser humano (estudos psicanalíticos) no contato com tal tipo de tecnologia. Isto é importante, mas obviamente não encerra a questão que, pela sua dinâmica e fertilidade, tem muito mais a ser continuamente investigado.

Neste contexto, vale lembrar a preocupação da ONU ao criar a UIT-União Internacional das Telecomunicações, uma comissão independente criada para o Desenvolvimento da Rede Mundial de Telecomunicações. Em dado momento, esta definiu em seus propósitos que não seria possível pensar o desenvolvimento de nação alguma sem a inserção das telecomunicações nos planos de investimentos inevitáveis. Destaca-se: constataram que é impossível qualquer país evoluir sem realizar a implantação e conseqüente incremento de suas telecomunicações. Neste sentido, em 1984, ao montar a Comissão Maitland, reconheceram que o caminho era trabalhar focadamente no telefone “clássico”, pontuando a carência desta tecnologia (hoje considerada por muitos como “velha”) que, décadas atrás, já separava os seres humanos de acordo com o acesso e posse dos bens sociais. No livro *Maitland +20*, uma frase destacava que

Não existe razão para que, ainda na primeira parte do próximo século, praticamente o conjunto da humanidade não tenha acesso fácil ao telefone e a todos os benefícios que este traz consigo.²

Ainda neste livro um dos autores, David Souter, lembra a importância deste foco, pois a preocupação nascia no

crepúsculo da chegada da comunicação móvel, ... no momento em que a Internet era pouco mais que um vislumbre nos olhos dos cientistas da computação³

A inclusão deste apontamento se justifica para sublinhar que são desconhecidos estudos sobre a implantação e uso dos telefones produzidos no segmento da comunicação. A razão pode ser histórica, pois é possível perceber que, na área da comunicação tornou-se comum a produção de pesquisas com alvos fortemente centrados na semiologia, psiquiatria, sociologia, história, antropologia etc. Esta opção certamente diluiu os estímulos para a investigação centrada no conhecimento, uso e aplicações das tecnologias, *tout-court*. Se não, vejamos: o filósofo Pierre Lévy, adotado e idolatrado por alguns, certa feita afirmou que “a técnica não é sinônimo de esquecimento do ser ou de deserto simbólico, é ao contrário uma cornucópia de abundância axiológica, ou uma caixa de Pandora metafísica”⁴. A frase está fora do seu contexto, mas não é, seguramente no contexto de tal conceituação que firmo as reflexões presentes. Confirmando esta tendência, um colega escreveu texto em livro de comunicação abordando a sociopsicanálise da comunicação.... São abordagens instigantes que, por darem conta de seus propósitos, nos aliviam para mirar em outra direção.

Com estas preparações do “terreno”, destaco a tecnologia no seu sentido mais objetivo - e mesmo simples - que é o uso do conjunto de conhecimentos, instrumentos e princípios científicos. Neste recorte, é possível afirmar que em muitas cabeças com forte influência na academia encontra-se arraigada a crença de que a tecnologia é para os seres “menos sensíveis e mais frios”, justamente aqueles profissionais “desprovidos de preocupação filosófico-humanista-poética” ao encarar os dilemas do conhecimento. Alguns admitem claramente (outros nem tanto) que “tecnologia é coisa para engenheiro, que só sabe construir pontes e fazer cálculos”. Outros, olham enviesados para o pessoal que se graduou com “um pé na profissão”, tendo por isso, a compreensão tecnológica que lhes falta. Por isto, estes defendem, década após década, seus nichos de saber em trincheiras profundas e muito bem armadas. São linhas de defesa rigidamente teóricas e elaboradas por quem está “fora” do campo. Independente de outras questões, resta questionar: quem sai perdendo? Pode-se adiantar que são muitos os perdedores, pois a tecnologia está presente na vida social desde os primeiros momentos que o homem começou a se organizar coletivamente e é ubíqua nos dias atuais⁵. Minha convicção é a de que tais estudos poderiam se

² No original: “*There is no good reason why, by the early part of the next century, virtually the whole of mankind should not be within easy reach of a telephone and all of the benefits this can bring*”. op. cit, capa.

³ No original: “*written at the dawn of mobile communications, as the first neoliberal reforms began a trend which has since liberalised and privatized telecommunications across the globe, when the Internet was little more than a glimmer in the eye of computer scientists*”, op. cit, p. 5

⁴ As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. S.Paulo, Editora 34, 1993, p.16

⁵ Neste sentido, destaco a excelente produção do pesquisador Ruy Gama, pontuando sua profícua obra A tecnologia e o trabalho na história, publicado em S.Paulo, pela Nobel/Edusp em 1986

somar a outros de outras correntes, compreendendo melhor e melhorando a convivência entre humanos e máquinas, em vez de unicamente tomá-los como objetos “distantes” e necessários só para a realização de reflexões ocasionais e descontextualizadas.

Dessa forma, aponta-se para a necessidade de estudos no círculo do domínio das performances e contextos estruturais dos instrumentais que estão à disposição dos cidadãos-consumidores comuns, mas sobretudo aqueles que os comunicadores usam nas suas ações profissionais cotidianas, integrando-os nos processos produtivos e aumentando sua eficiência cognitiva nas dimensões da percepção, memória, juízo e raciocínio. Falo, portanto, do recorte para o estudo do aparato para a captação, edição e difusão no contexto das manifestações comunicacionais “*ad infinitum*”, tanto nos espaços de espalhamento de dados nos meios entendidos como “tradicionais” quanto naqueles da cultura digital, instantânea e em tempo real. Isto, pois, de uma forma ou outra, estes processos de “construção” estão presentes tanto nos instrumentos pessoais que possibilitam ações no mundo “real” quanto nos que oferecem inesgotáveis retornos e possibilidades de interação no cenário da virtualidade.

Entendo isto por constatar que os comunicadores ainda navegam pouco pelo território das tecnologias e da inserção e repercussões destas nas práticas do setor. Não por incapacidade, mas sim, por escape advindo do que alguns cunharam como “crise de paradigmas”, em dado momento vivida pela área. Este impasse filosófico é compreensível, pois as décadas posteriores aos anos de chumbo do golpe militar, fizeram aflorar volume expressivo de estudos com focos “estranhos” à área, conforme o filósofo e pesquisador de comunicação Wilson Gomes alertou em texto brilhante. Fora do país e na mesma direção, é importante destacar uma obra que ilustra bem a sedução por tal tipo de caminho. Trata-se do livro *Imposturas intelectuais-O abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos*, de Alan Sokal e Jean Bricmont. Insiro esta obra, pois é constatável - no exterior e aqui - a frequência da análise sem sentido, construída com literatura “floreada” e, mais importante, intencionalmente obscura, muitas vezes produzida por pesquisadores que vão na direção que Sokal e Bricmont alertam quando falam do uso

repetido de terminologias e conceitos científicos: tanto utilizando-se de ideias científicas totalmente fora de contexto..... quanto atirando à esmo jargões científicos na cara de seus leitores não-cientistas, sem nenhum respeito pela sua relevância ou mesmo pelo seu sentido⁶.

Retornando, sublinho que, num paradoxo destacável, a tecnologia está concretamente presente em nossas casas, agregada às nossas vestimentas, nos vasculhando internamente e, em futuro já palpável, mesmo embutida em nosso corpo. Está no dia a dia do nosso trabalho, lazer e ações. Manifesta-se em todas as decisões de compra, de aquisição de cultura e conhecimento, no controle dos filhos e no gerenciamento dos bens móveis e imóveis. Está presente no acesso às informações essenciais, na troca instantânea de mensagens, no controle e compra - em frações de segundo - de ações na bolsa, na administração da conta e na vigília do saldo bancário. As telecomunicações e a medicina são hoje exemplos reais da magnanimidade tecnológica, não mais operando em base analógica e linear. Muito menos, solitária. Nossos carros e eletrodomésticos mudaram e têm “encorpados” novos equipamentos que protegem e facilitam a vida familiar,

⁶ Sokal, A Bricmont, J. *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 10

aumentando o conforto e a segurança⁷. Importante frisar que todos se acostumaram tão intensamente com esta realidade tecnológica, que não mais nos damos conta de sua dimensão - e nossa dependência dessa miríade tecnológica -, concordemos com ela ou não. Inequivocamente, esta “onda” atinge todos, sejam os seduzidos *techno-addicts* ou os pretensos “naturebas” tecnológicos (ou luditas⁸).

Muitos comunicadores percebem que as transformações radicais na comunicação são concretas e estão em frente aos olhos de toda a humanidade. Um infinito parque de equipamentos está disponível em lojas e quiosques, e inúmeras formas de acesso - e trocas - se materializam nos provedores de conexões interativas de todo tipo. Todavia, em muitas situações, pesquisadores da área parecem estar indiferentes a este cenário, se comportando somente como meros consumidores deste turbilhão de alta tecnologia.

Nesta direção, lembro que o cinema já é digital, adiantando que as produções de jornalismo⁹, televisão, publicidade, rádio, turismo (e o comércio, o fornecimento de bens etc) são praticamente realizadas e acompanhadas através de instrumentos em plataformas totalmente digitais. O volume destas atividades representa muito para a área. Além disso, em boa parte do globo, a transmissão de TV já é digital, interativa, multidirecional e em alta definição e onde o som, de esmerada qualidade, nos envolve oniricamente no mágico sistema 5.1. Aproveitar disto, mas também entender como os processos se dão interessa profundamente aos comunicadores, pois o mundo mudou radicalmente e os instrumentos de comunicação desempenham papel preponderante neste contexto.

Além disso, constata-se que a tecnologia permitiu e pluralizou as comunicações a distância, tendo se tornado sua essência viabilizadora. O número de aparelhos telefônicos móveis já supera o de fixos e já passa de 100 milhões. Este equipamento já permite que além da voz, outras formas de comunicação - e usabilidades - se materializem nas telas dos celulares e onde a TV praticamente aparecerá na semana que vem. Analisar os meandros deste segmento também diz respeito aos comunicadores, pois este recurso é multimidiático.

Neste contexto, indaga-se por que, enfim, não se foca nos estudos que desencadeiem competências (na área, pois em outras isto sempre aconteceu) para a ocupação dos espaços gerados pela indústria? Por que tanta falta de interesse em ceder à navegação neste “oceano” até então pouco conhecido, favorecendo o mergulho para a compreensão dos princípios técnicos dos instrumentais próprios para a comunicação humana? O que isto tem de “menor”, de “desqualificável”, quando se sabe que ao entrar no mercado todo estudante deverá fazer uso

⁷ Um proprietário de carro de marca francesa no Brasil ficou estarecido ao constatar que, ao deixar seu carro na montadora, o mesmo estava sendo avaliado por técnico francês, em tempo real, de Paris, a partir da conexão do “chicote” do veículo a um computador ligado na rede.

⁸ Neste assunto destaca-se o excelente livro *Rebels against the future*, de Kirkpatrick Sale, New York: Perseus Book, 1995

⁹ Sob o título *Convergence Manager*, um aviso na rede enviado em 5 de junho de 2007 por Cory Bergman, informava que a emissora KGTV de San Diego, nos EUA, uma afiliada da rede ABC, procurava jornalistas para o cargo de Gestor de Convergência. E adiantava que procuravam alguém com competências para liderar, na Sala de Redação, o crescente setor da mídia digital e que possibilitasse à emissora a divulgação de conteúdos em formatos inovadores.

intenso dos mesmos? Será que é justo aceitar a hegemonia do modelo de “cerrar fileiras ideológicas” que confessem fé única na pós-modernidade, corrente que advoga o fim do racionalismo do Iluminismo, aceitando somente discursos teóricos desconectados da realidade e da razão empírica dos modelos científicos, conforme advertem Sokal e Bricmont?

Não seria isto, justamente, que em nosso país estaria provocando tanta aversão do mercado com relação aos egressos das faculdades de comunicação? Não estaria aí a razão prática que vem fazendo com que as casas editoriais e de comunicação passassem a preparar cursos “complementares” para a formação, para a ação “concreta”, dos estudantes graduados nas escolas de comunicação? Não se aninharia neste contexto o viés que faz com que poucos estudantes montem suas próprias empresas uma vez que precisam se “amparar” em experiências consolidadas antes de partir para voos “solo”? Lembro que tais princípios movem a sociedade mais avançada do globo, com os exemplos das empresas que surgem nas “garagens” das casas ou nos laboratórios das universidades.

Reflexões pessoais me permitem afirmar que o modelo original de ensino, fortemente baseado na origem humanista e europeia da USP, moldado pelos anos de exceção que ali imperaram (e em todas as universidades) pode ter contribuído fortemente para a cultura pedagógica hoje existente no país. O golpe militar de 1964 fez com que nesta importante universidade docentes altamente capazes fossem cassados (e outros impedidos de ser contratados), gerando espaços que acabaram sendo ocupados por especialistas de áreas distintas do conhecimento, sobretudo nos seus cargos diretivos. Normalmente oriundos de setores contíguos à comunicação, muitos eram estranhos ao universo profissional da área. Como não havia saída, cadeiras importantíssimas foram ocupadas, definindo o pavimento a ser trilhado nas décadas seguintes. Todavia, pelas suas origens, muitos não tinham experiência prático-vivencial, identificação e muito menos devotavam interesse em entender os fortes desígnios tecnológicos advindos com as telecomunicações e a informatização que a sociedade experimentou nas últimas décadas. Apesar disto, o modelo pedagógico-formativo foi copiado e levado para vários cantos do país, tendo em vista a expressiva capacidade nucleadora que a ECA-USP sempre representou durante longo período.

A sumarização de um recorte temático como o que aqui se delimita, que é a interface da comunicação com as tecnologias digitais, pode induzir o leitor ao pensamento de que o tema seja pouco complexo e mesmo de abordagem simples. E mais, que seja familiar e de “trânsito fácil” pelas proximidades conceituais que parecem facilitar o deslocamento dos pesquisadores da comunicação por tal território. Isto pode estar acontecendo pela facilidade de circunscrição da comunicação na aparentemente infundável macro-área definida como a “sociedade do conhecimento”. Aponta-se que, por falta de claro entendimento e consenso, a “sociedade do conhecimento” vem se confundindo com aquela da “informação”. Mas, resta indagar o que é mesmo isto? Tudo leva a crer que tenha sido Peter Drucker o autor do conceito de sociedade do conhecimento, em uma palestra em Harvard, no dia 4 de maio de 1994, quando este apresentou o tema “Trabalhadores do conhecimento e sociedade do conhecimento”.

Todavia, deve-se apontar, como adiantamos em outra reflexão, que o “campo proposto é vasto e profundo e, ao mesmo tempo, movediço e complexo”. Isto, pois é primordial indagar de que tipo de contornos sociais (“sociedade”) e conhecimento se está falando? Para o economista (e jornalista) Drucker, o cidadão da sociedade do conhecimento “galgava acesso ao trabalho,

emprego e posição social somente através da educação formal”. Ele acertadamente previa que para participar desta sociedade, os seres deverão passar por estágios infindáveis de treinamento e aquilamento de competências, no que ficou cunhado, anos mais tarde, como “educação por toda a vida” (life-long learning). E é justamente de “treinamento e aquilamento de competências” que estamos falando.

Seguramente, e como era de se esperar, o conceito espalhou-se, transbordou as fronteiras e banhou as praias da confraria da comunicação, agrupamento sempre sensível às tendências comportamentais inovadoras do mundo moderno. Nesta, as importações, assimilações e simbioses foram fartamente aplicadas, explicitando conceitos que teriam aparentes facilidades de serem entendidos. Todavia, constata-se que isto não vem se confirmando, possivelmente pela sua empírica forma de conceituação. O empirismo tem sua utilidade, mas, para os pressupostos amplamente aceitos de uma ciência segura, isto tem valor relativo. De fato, às vezes falta à área concentração científica para que tal conceituação seja exaustivamente debatida, limitando suas abordagens nas esferas já consolidadas da comunicação, evitando o que Wilson Gomes apontou quando diz que:

todos recorrem a materiais produzidos fora do próprio âmbito de competência, empregando misticamente formas científicas herméticas (descobertas da Física cujas consequências ninguém compreende bem; invenções em Lógica; discussões filosóficas sobre o pós – moderno ou sobre a racionalidade; descobertas psicanalíticas, re-traduzidas poeticamente) para afirmar que os paradigmas científicos entraram em crise.

Assim, destaca-se a pouca disposição de que contingentes de pesquisadores da comunicação se concentrem decididamente no entendimento de como estes conceitos (conhecimento, informação, tecnologia, cibercomunicação, convergência midiática etc.) devem ser definidos e moldados pela área e como esta poderia contribuir para que suas intersecções e tentáculos trouxessem contextualização adequada para os estudiosos da área. Afinal, uma pergunta aflora: como é mesmo que a área consensua conhecimento? Quais são as seguras distinções entre este e o conceito de informação? O que é tecnologia para os comunicadores?

Resta também indagar se os pesquisadores da comunicação estão atentos à inevitável parametrização da tecnologia que se encontra “colada” aos processos e manifestações que permitem a interação e a troca de valores simbólicos entre os participantes? Entendem suficientemente os comunicadores as implicações históricas da tecnologia na vida do homem? A real contribuição das máquinas em nossas vidas?¹⁰ E as transformações advindas com a chegada desta no universo das ações de comunicação que distinguem o homem dos outros seres? Será que não seria mais apropriado chamar o fenômeno de Sociedade(s) do(s) conhecimento(s)? De novo, de que conhecimento se fala? Pois o homem que roça o chão diariamente não detém conhecimento? O matuto conduzindo o gado no cerrado não guarda domínio sobre os animais e as circunstâncias ambientais que o cercam? O vento úmido não lhe traz informações? A migração de uma ave ou uma planta amassada não lhe transmitem conceitos úteis para a ação concreta?

¹⁰ Vale destacar a obra *A beleza das máquinas*, de David Gelernter. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

Não seria ainda o caso de distinguir um do outro e definir um determinado segmento como o da Sociedade do Conhecimento Digital?

Na mesma direção, resta-nos perguntar se os estudantes (de comunicação, especialmente) entendem as infundáveis performances dos instrumentos tecnológicos que usam. Será que pesquisam usando a Lógica Booleana, entendem a máquina de Turing, a Entropia de Shannon etc.¹¹? Aliás, qual a porcentagem que dominam dos softwares de edição de textos? Quantos usam softwares de indexação bibliográfica, como o EndNote, por exemplo? E planilhas de cálculos e de desenhos? Quantos leram e dominam os manuais dos equipamentos de comunicação a que têm acesso? Estudam e navegam pelos bancos de dados, que na realidade, são mais “fortalezas” de dados? São perguntas que nos trazem inquietações, sobretudo pela quase aparente indisposição para com as mesmas. Corroborando com a reflexão, Wilson Gomes afirma que

Não é que nos falem grupos e instituições dedicadas à pesquisa; o que talvez ainda nos falte seja uma extensa comunidade de controle da pesquisa, uma consolidada comunidade científica no sentido mais rigoroso do termo. ... em nossa área temos sempre a desconfiança de que não há uma comunidade de pares para quem escrevemos ou falamos, isto é, uma comunidade capaz de apreciar a demonstração apoiada em procedimentos empíricos ou experimentais rigorosos ou em procedimentos discursivos bem fundados logicamente.... Por isso, preparamos discursos para congressos onde quase nunca supomos uma comunidade de especialistas, de pessoas com alta competência no assunto e capazes de reagir, rejeitando o que falamos ou conduzindo-o para um patamar superior

Assim, entendo que o que poderia animar a comunidade seria a focalização na definição dos contornos de tais conceitos e suas intersecções, convergências e amplitudes, focadamente no entendimento do papel das tecnologias que permitem os enlaces para tais manifestações a partir da adesão e do uso consciente. Assim, advogo ser importante a organização de iniciativas científicas, na área da comunicação, no estabelecimento de ações e estudos claramente contributivos nesta direção. E não conformar-se com a resignada importação de conceitos e a simplória “clonagem” (aliás, simples ações de “copia e cola”) dos mesmos, com as maquiagens teóricas que se presencia.

Como contribuição nesta direção, venho abordando o tema com ensaios pois o conceito de Sociedade do Conhecimento vem sendo implementado nos últimos tempos nos cenários da cultura mundializada. Um denominador comum aponta que esta representa a combinação das configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação em todas as suas vertentes. É importante destacar que seu escopo de abrangência vai além do mundo da internet e está redefinindo a economia global, trazendo consigo a transformação do mundo “inteligente” nas suas muitas dimensões.

Uma distinta formatação vem ganhando espaço e trata-se da “economia do conhecimento”, definida “como a mobilização das competências empresariais, acadêmicas e

¹¹ Conceitos presentes no excelente livro *O Bit e o pêndulo*, de Tom Siegfried. Rio de Janeiro: Campus, 2000

tecnológicas com o objetivo de melhorar o nível de vida das populações”¹². Contini, Reifschneider e Savidan adiantam que, na economia do conhecimento

além dos critérios tradicionais, como renda per capita ou desenvolvimento humano, os países também passaram a ser classificados quanto à sua capacidade de gerar conhecimentos e transformá-los em riqueza.

Eles observam a área do ponto de vista da economia global, enxergando saídas somente a partir das ações governamentais, com investimentos substanciais em pesquisa de ponta. Deste ângulo, reconhecem que inequivocamente

há países produtores de conhecimento, países usuários em vários graus e outros marginalizados desse processo¹³.

A objetividade dessas constatações não oferece muitas saídas, a não ser reconhecer a indicação da necessidade de se realizar esforços monumentais em inovação e domínio tecnológicos, conjuntamente com pesquisa e produção científicas. Isto, se esta nação quiser mudar da condição de mera info-espectadora na complexa e sofisticada sociedade dita do conhecimento. Mas, deve-se advertir que o caminho não é curto e sem reveses, uma vez que os insuperáveis problemas sociais, políticos e econômicos freiam - e mesmo impedem - a caminhada tranqüila e constante na direção da evolução. Resgato uma imagem que gosto de usar: a de um homem simples, na estação de uma cidadezinha do interior por onde normalmente transitam trens a vapor e, de repente, o máximo da tecnologia (o TGV) estaciona e o convida para usufruir simbioticamente dos recursos que apresenta, numa experiência de “mergulho no desconhecido”. Pelo ineditismo da altíssima tecnologia, este usuário só conseguirá entender o lado “exposto” da tecnologia ali disponibilizada, justamente aquele da interação mínima (e, no caso deste homem, ressabiada), uma vez que o mesmo se encontra impossibilitado do conhecimento dos seus processos, contextualização e avanços. De certa forma, é isto que muitos experimentam nos dias atuais no contato com os novíssimos instrumentos de conexão que adquirem no mercado da esquina ou a partir de um teclado de computador. Aliás, uma informação nos últimos dias de 2006 dava conta que Brasil se encontrava no último lugar em desenvolvimento tecnológico na AL¹⁴

¹² Contini, Elísio, Reifschneider, Francisco e Savidan, Yves. Os donos do conhecimento. Revista Ciência Hoje, vol.34, no. 201, p.16

¹³ op.cit. p.17

¹⁴ O texto foi veiculado na versão eletrônica da revista Computerworld de 28 de dezembro de 2006. Reproduzo a matéria na sua íntegra. “Brasil é o último em desenvolvimento tecnológico na AL. Mesmo com crescimento no número de telefones celulares, com 18,5%, e no acesso à internet, com 22,3%, país se mantém na última posição do ranking da Everis. No terceiro trimestre de 2006, o Brasil foi o pior país em desenvolvimento tecnológico de toda América Latina. Chamado de Indicador da Sociedade da Informação, o levantamento foi realizado em parceria com a Everis e a escola espanhola de pós-graduação vinculada à Universidade de Navarra (IESE) e analisa o uso da TI em setores como educação, estratégias empresariais, oportunidades de negócio e desenvolvimento social. Foi o quinto semestre consecutivo no qual o país o menor índice em relação aos demais países, 3,93 pontos. Ainda que tenha tido aumento de 0,7% em relação ao ano anterior, o resultado não é suficiente para deixar a lanterna do ranking. O estudo avalia tópicos como a quantidade de celulares e computadores em funcionamento para cada mil habitantes, o acesso à Internet, o desenvolvimento do comércio eletrônico e as despesas em TI (Tecnologia da Informação) na proporção do PIB (Produto Interno Bruto). Na América Latina como um todo, o Indicador da Sociedade da Informação chegou a 4,33 pontos, valor mais elevado registrado nos últimos sete anos. Por países, o Chile teve o melhor resultado,

Pelo aqui exposto, apresento alguns desafios para o campo dos estudos da comunicação, importante setor que poderia trazer contribuições concretas de vanguarda se passasse a:

- a) a recortar o escopo das investigações com foco nas tecnologias, sobretudo as contemporâneas; b) dedicar-se a uma maior compreensão das particularidades conceituais do fenômeno; c) incrementar os pressupostos a partir da condição real do estado de desenvolvimento do país, d) equilibrar a reprodução da sedutora sofisticação teórico-filosófica dos intelectuais dos países europeus e e) ampliar a base de referência teórica, incluindo os inúmeros (e consistentes) estudiosos da América do Norte e de outros continentes desenvolvidos.

Observar estes itens poderá ajudar a impulsionar os estudos significativamente, sobretudo se for feito com aproximação com os produtores (de conteúdo e de equipamentos) e interdisciplinarmente com centros de estudo de outras áreas do conhecimento (engenharia, matemática etc.). Deve-se partir do “início”, sem receios, uma vez que alguns dos intelectuais “modelo” do momento vivem em sociedades em que se experimentam as delícias da oferta e acesso às informações digitais em todas as suas formas e, para quem, a sociedade pós-moderna é uma realidade concreta no dia a dia. Irrecusavelmente, na periferia do capitalismo a vivência plena da realidade é outra.

Por último, adianto que a “sociedade do conhecimento” é muito mais complexa e delicada de ser decifrada do que alguns parecem antever. Trata-se de setor que requer deslocamentos interdisciplinares sofisticados para que se possa decodificar suas intrincadas ramificações, sujeitos e abrangências. Assim, pela riqueza e complexidade do tema, é de se esperar que os pesquisadores que se aventurarem pelo território façam mais que só se limitarem, de forma insistente, à simples sedução pela reprodução descontextualizada dos modismos filosóficos do momento.

Neste contexto, aproveito para lançar a semente que, em futuro não muito distante, poderá gerar a cobertura que aninhará um agrupamento de interessados nos estudos das tecnologias e suas interfaces com a macro área das comunicações, com ênfase nas mídias digitais. Afinal, além da telefonia de alta qualidade e usabilidade, apresentam-se à sociedade as gigantescas possibilidades de transmissão e interatividade da televisão de alta definição (HDTV) e a cativantes possibilidades da comunicação móvel. Assim, destaco o ComTec (Comunicação e Tecnologias Digitais, em www.comtec.pro.br), Grupo de Pesquisa alocado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de S.Paulo como parceiro na promoção de pesquisas e atividades de extensão no intento da promoção de um maior entendimento das complexidades tecnológicas digitais no segmento dos estudos da comunicação social.

ficando com 5,59 pontos, enquanto a Argentina e México estão no segundo e terceiro lugares, respectivamente 4,52 pontos e 4,31 pontos”. Acessado em 31.12.2006, 16:30h.

